

1.1.4 Perversão: Uma Repressão Sexual

Daniele Barbosa

Perversão: Uma Repressão Sexual

Daniele Barbosa¹

¹ Especialista em Psicanálise Clínica pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro. Contato: danielebarbosapsicanalista@gmail.com

RESUMO

A perversão é uma estrutura psíquica desenvolvida na primeira infância, só que a perversão não é vista socialmente como algo positivo ou de conduta aceitável por uma ideia errônea popular; afigura-se a imoralidade e a fantasia inconsciente e coletiva de que o indivíduo perverso é alguém maliciosamente sexualizado. De uma forma geral, essa visão é equivocada. A perversão geralmente é recalcada, devido a uma ideia coletiva sobre certo e errado sexualmente nas relações e na conduta interna para o social, muitos acabam reprimindo o conteúdo perverso, o que pode ser negativo. Falar, compreender e analisar, são fatores cruciais para o autoconhecimento de uma estrutura tão subjugada por uma sociedade confusa e leviana. Uma conduta social é definida por um falso equilíbrio externo, se um indivíduo trilha pelo caminho do autocontrole emocional, ele é socialmente aceito, porém se houver qualquer divergência no teor sexual e conduta de comportamento, esse indivíduo é excluído, julgado e distanciado. A intenção deste artigo, é trazer a consciência o que é a perversão e como ela é subtendida automaticamente e inconscientemente como uma repressão na conduta social e sexual.

Palavras chaves: Perversão, repressão sexual, comportamentos.

ABSTRACT

Perversion is a psychic structure developed in early childhood, but perversion is not socially seen as something positive or acceptable behavior by a popular misconception; immorality and the unconscious and collective fantasy that the perverse individual is someone maliciously sexualized. Generally, this point of view is wrong. Perversion is usually repressed, due to a collective idea about right and wrong sexually in relationships and in the internal conduct towards the social, many end up repressing the perverse content, which can be negative. Speaking, understanding and analyzing are crucial factors for the self-knowledge of a structure so subjugated by a confused and frivolous society. A social behavior is defined by a false external balance, if an individual treads the path of emotional self-control, he is socially accepted, but if there is any divergence in sexual content and behavioral conduct, that individual is excluded, judged and distanced. The intention of this article is to bring awareness to what perversion is and how it is subtended automatically and unconsciously as a repression in social and sexual conduct.

Keywords: Perversion, sexual repression, behaviors.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma pesquisa bibliográfica teórica sobre a perversão e a repressão; ambas acontecem na mesma fase estrutural da criança. A perversão é tida como uma conduta social adversa, nojenta e repugnante, mas como ela se estrutura? Por que a razão a sociedade ainda vê um perverso como uma pessoa de má índole e não um indivíduo reprimido na maior parte da infância? A perversão propriamente dita, é um desvio de caráter e uma forma defensiva de internalizar o mundo subjetivo e real.

O sexo ainda é um tabu social e apesar de estarmos em uma era totalmente sexualizada e perversa, ainda nos repugnamos com condutas incompreendidas do Eu e do Outro e aonde esta linha tênue nos separa. A sexualidade e loucura estão intimamente ligadas e separadas na fantasia coletiva.

Muitos teóricos tentaram e ainda tentam entrar no campo da perversão, na sua estrutura e no seu desenvolvimento. Freud foi o primeiro observador, neurologista e curioso, conseguiu em um de seus livros, desmembrar um pouco deste conceito tão intenso, dando margem a outros pesquisadores a darem continuidade no assunto perversão.

A repressão acontece quando a criança começa a controlar os esfíncteres; é nesse momento em que a criança curiosa é repreendida pela mãe por tentar contato com o próprio corpo e por anos a fio a criança leva essa repressão como culpa intensificando seu contexto interno.

O intuito deste artigo foi trazer uma alusão para a consciência sobre os fatores repressores na tenra infância, na forma como se desenvolve e as condutas perversas adquiridas por estes indivíduos como culpa.

A perversão é pouco citada e quando o fazem, a sociedade tem um inclinar de nariz na manifestação de nojo social, sendo que a maioria

desta mesma sociedade possui conteúdos perversos e repressores. É mais fácil julgar que entender, que transitar pelo Eu e pelo Outro.

Sigmund Freud, Marilena Chauí e Michel Facoult são alguns dos autores e teóricos citados por terem sido ousados, compreensivos e empáticos com uma sociedade doente, ainda se tem muito a desvendar sobre a perversão e seu mundo translouco, porém já foi dado início aos primeiros passos e os convido a se entreter neste artigo que é só a ponta do inconsciente!

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. 1 Perversão: Uma Repressão Sexual

A sexualidade ainda é um tabu social, mesmo em tempos modernos. Desde a antiguidade, a raça humana tem um bloqueio social sobre a sexualidade e seus feitos, contudo, junto a sexualidade, surgiu o pavor da bestialidade fantasiosa e consequentemente a repressão.

A repressão sexual foi desenvolvida para conter e delimitar o ser humano, culpabilizando sobre suas perversões e o mantendo sob “controle”.

Sob vários aspectos, a ambiguidade dos estudos da sexualidade decorre do fato de, em lugar de desvendar e tentar diminuir o peso da repressão imposta no decorrer dos séculos (no ocidente cristão), acaba por reforçá-la (como é o caso do livro citado, que faz tamanhas exigências ao menino que este provavelmente terá dificuldades sexuais) ou deslocá-la (por exemplo, ao deixar ao médico o que antes cabia ao teólogo). Há uma espécie de círculo vicioso: uma sociedade repressora e uma moral conservadora acarretam segredo e clandestinidade de inúmeras práticas sexuais que, por seu turno, provocam tanto distúrbios físicos (a sífilis por exemplo) quanto psíquicos (a culpa, por exemplo) que a perspectiva médico-profilática pretende evitar introduzindo conhecimentos e normas, porém sem questionar os próprios códigos repressivos e, com isso, criando dificuldades (CHAUÍ, 1984. p. 22)

Então de acordo com este paragrafo de Chauí, a repressão imposta socialmente acaba por reforçar as inúmeras práticas sexuais fora do padrão comum e socialmente aceitos, estes indivíduos acabam reprimindo um prazer incomum para ser inserido dignamente em uma sociedade repressora (mas esta não é a principal questão), o deslocamento acontece e ele aprende a conviver com esta repressão. Essa prática, ou o desejo dessa prática, acaba levando o indivíduo a culpa, somatizando vários contextos psíquicos.

A sexualidade tem uma conotação inconsciente de sujeira, entrega, loucura e repulsiva. O indivíduo que é sexualmente consciente é um indivíduo julgado e muitas vezes socialmente excluído. Essa sujeira tem a ver com esse traço minuciosamente perverso e a repressão desta, imposto pela ciência moderna:

a ciência médica moderna, que estudou minuciosamente a função sexual, a higiene e a profilaxia com suas estatísticas rigorosas baseadas na observação médico-hospitalar, que se impõe como preceitos imprescindíveis e a psicologia racional. Sexo responsável, limpo, estatisticamente controlado e racional” (CHAUÍ, 1984, p. 22).

Freud foi o responsável pela observação clínica e desenvolvimento sobre a sexualidade, a pulsão libidinal e seus feitos foram descritos pelo estudioso. Freud avançou neste contexto, quanto trouxe os malefícios da repressão sexual em um determinado indivíduo, este contexto seria mais grave ou menos grave, de acordo com a situação social e ambiental do qual esta pessoa estaria inserida e sua interpretação de mundo, seria a chave para as mazelas físicas e psíquicas. Então o teórico Freud teria entendido o contexto da sexualidade humana em sua mais profunda forma?

O sexo sempre um tema delicado entre a humanidade, existem vários extravasamentos de teor sexual enrustido no comportamento

humano, além do olhar distorcido do Outro para o comportamento sexual da atualidade; existe um desejo desenfreado de sentir prazer e o gozo na vida.

O feminino e masculino está enraizado em funções, existe uma fantasia acerca do que seria a feminilidade e a masculinidade. Homens de várias culturas, são padronizados, constroem ou vivem da mesma forma enquanto mulheres do mesmo local são padronizadas. A repressão também está intimamente ligada a essa instância funcional do feminino e masculino.

Margaret Mead levantou esta questão dividindo em três sociedades diferentes que apontam um comportamento padronizado nas funções femininas e masculinas socialmente. Esta crença enraizada sobre o comportamento do homem e mulher é revestida de repressões de uma determinada região.

Assim, por exemplo, estudos feitos pela antropóloga Margaret Mead a respeito de três sociedades diferentes mostram que, numa delas, homens e mulheres são educados para serem carinhosos, pacíficos, compreensivos, muito verbalizadores, possuindo sexo e temperamento do tipo que nossa sociedade julga “próprio do feminino”; na outra, homens e mulheres são educados para serem agressivos, belicosos, violentos, pouco falantes, possuindo sexo e temperamento do tipo que nossa sociedade julga “próprio do sexo masculino”; na terceira, as mulheres são educadas para o poder e o comando, enquanto os homens são educados para a domesticidade, a lavoura, o artesanato e o cuidado das crianças, realizando padrões exatamente opostos ao que nossa sociedade imagina serem naturais e universais. Estudos como esses nos auxiliam a compreender os valores, mitos e preconceitos de nossa própria sociedade e o modo como atuam na repressão da sexualidade ao estabelecerem características que seriam “naturalmente” femininas e masculinas, estimulando-as e reprimindo as contrárias. (CHAUÍ, 1984. p. 27)

Nas 3 distinções de sociedade de Chauí, denotamos a posição em que cada função, feminina e masculina, se desencadeia socialmente e

inconscientemente. A feminilidade está intimamente relacionada ao cuidado, zelo e praticidade em execução, já a posição masculina está ligada a força, desempenho e agressividade. Então a masculinidade seria a repressão inconsciente na posição do pai ou da sua função?

A repressão é uma autopunição que se desencadeia a partir de castigos, medos e punição. Este contexto está inserido em contos de fadas e fabulas. Então:

Se a psicanálise estiver certa ao diferenciar fases da sexualidade infantil, podemos observar que a repressão atua nos contos seguindo estas fases: as crianças são punidas se muito gulosas (fase oral), se perdulárias ou avarentas (fase anal), se muito curiosas (fase fálica ou genital) em certo sentido, contos operam com a divisão, estabelecida por Freud, entre os *princípios do prazer* (excesso de gula, de avareza, de desperdício, curiosidade) e o *princípio de realidade* (aprender a protelar o prazer, a discriminar os afetos e condutas, a moderar os impulsos) (CHAUÍ, 1984. p. 35)

Em cada fase da criança ela internaliza como essa repressão acontece; a fase oral, anal, fálica ou genital são as fases em que a criança começa a entender o próprio corpo e o corpo do Outro (mãe). É nesta fase que se fixa algumas condutas da criança se estendendo para a fase adulta; onde há falta, também há a fixação. Se em uma dessas fases a criança for punida severamente automaticamente acontece a repressão e o recalcamiento então, a criança sente que foi punida por algo que o adulto repugna.

2. 3 Sexualidade

A sexualidade é estudada por vários teóricos desde muito tempo, e o que determina a sexualidade? Em cada região ela é sentida ou interpretada de uma maneira, mas todos seguem os passos, conduta ou moralidade dos pais e seu convívio a partir destes. Se levarmos isso em

consideração, a castração social foi aplicada para estipular o que poderíamos ou não fazer a respeito das questões sociais e morais. A lei foi uma forma de manter a cidade sob controle em vários aspectos e a repressão que veio atingiu e atinge cada indivíduo de uma forma única e complexa.

Por que essa analogia? Porque desde que o mundo é mundo, seres humanos e animais são dotados de corpos sexuados e as práticas sexuais obedecem a regra, exigências naturais e cerimônias humanas (CHAUÍ, 1984. p. 13)

Para a psicanálise é importante desmembrar os conteúdos latentes para desmistificar o indivíduo, partindo de mais detalhes sobre essa repressão analisando o histórico social e moral.

A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos historicamente e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades (e particularmente pela nossa) como uma torrente impetuosa e cheia de perigos – estar “perdido de amor”, “cair de amores” ser “fulminado pelo paixão” beber o “filtro de amor”, receber as “flechas do amor”, “morre de amor” (CHAUÍ, 1984. p. 13).

De acordo com Marilena Chauí, as repressões, permissões e proibições são enraizadas no inconsciente individual, não ficando no consciente, porque causam dor e desconforto, sendo minimamente acessadas porque desejamos esquecer e ocultar.

Com relação a repressão, Chauí ainda destaca que

A repressão aparece, assim, como ato de domínio e de dominação e o reprimido como submissão à vontade e a força alheia – como que uma alienação. Os dicionários também permitem supor a existência de uma cumplicidade voluntária ou involuntária consciente e inconsciente, entre nosso psiquismo individual e procedimentos repressivos

institucionais que conduzem a auto repressão. Em outras palavras, a repressão não é apenas uma imposição exterior que despenca sobre nós, mas também um fenômeno sutil de interiorização das proibições e interdições externas (e, conseqüentemente, também das permissões) que se convertem em proibições e interdições (e permissões) internas, vividas por nós sob a forma do desagrado, da inconveniência, da vergonha (pois reprimir, como vimos, também significa: vexar, envergonhar), do sofrimento e da dor (e dos sentimentos contrários a estes, no caso da obediência ao permitido). (CHAUI, 1984. p.17).

E diante disso, com relação aos sentimentos, Chauí alerta para o fato de que

Nossos sentimentos poderão ser disfarçados, ocultados ou dissimulados desde que percebidos ou sentidos como incompatíveis com as normas, os valores e as regras de nossa sociedade. Costuma-se dizer que a repressão perfeita é aquela que já não é sentida como tal, isto é, aquela que se realiza como auto repressão, graças a interiorização dos códigos de permissão, proibição e punição de nossa sociedade (CHAUI, 1984. p.17).

Na criança a proibição e sua interpretação sobre as punições está correlacionada diretamente com a fantasia recalcada, essa fantasia permanece ocultada ou dissimulada no comportamento dela, e o desvio de conduta moral só surge em situações conflitantes ou se manifesta na pulsão libidinal sexual na fase da adolescência.

Quando pensamos na perversão, Ferraz elucida dizendo:

A figura da perversão tem gerado controvérsias no seio da teoria e da clínica psicanalíticas, não apenas no que concerne ao seu status diagnóstico, mas também no que toca à própria procedência ética e ideológica do uso desse termo. Freud empregou-o em alguns momentos distintos de sua obra, delineando com ele, inicialmente, uma forma de conduta sexual em que as fantasias ligadas à sexualidade pré-genital eram atuadas e não mantidas sob recalcque. Mais tarde, a perversão foi ganhando um contorno mais nítido como categoria psicopatológica e diagnosticada, ao lado daquelas da neurose e da psicose,

sem, no entanto, ter sido circunscrita e definida com a mesma precisão com que o foram estas últimas. Freud pouco ou nada se referiu a clínica da perversão (FERRAZ, 2019 p. 19).

Neste outro trecho vemos que Ferraz não aprofundou no conteúdo perverso, ele discorre sobre algumas condutas sexuais que estão ligadas intimamente com as fantasias e as condutas pré-genitais, que são encontradas na infância do indivíduo. São traços sutis que desencadeiam quando ele está de frente a uma situação proibida, onde a (lei moral) se aplica.

O uso da palavra perversão na acepção de desvio sexual não teve origem na psicanálise e sim na sexologia do século XIX. Mas o termo perversão remonta a épocas mais longínquas. De acordo com Lantéri-Laura (apud Peixoto Jr., 1999), ele foi usado pela primeira vez em 1944 com o sentido de retornar ou *reverter*, sendo que logo a qualidade de “deplorável” foi anexada a tal retorno no campo semântico dessa palavra. Desde então, o caráter pejorativo calou-se ao termo. Foi apenas no século XIX, no entanto, que a palavra *perversão* passou a integrar o vocabulário da psiquiatria como anomalias ou aberrações da conduta sexual. Por fim, pode-se dispensar o adjetivo sexual por excessivo, para designá-las. E assim ficou até nossos dias: basta dizer-se *perversão* para imaginarmos algum desvio na vida sexual (FERRAZ, 2019 p. 22).

Ainda segundo Ferraz podemos encontrar a perversão no desvio da vida sexual de um indivíduo ou em casos mais extremos, quando algum traço perverso o faz cometer algum crime, nesse sentido temos um olhar mais amplo do tema, embora este último não seja objeto de estudo deste trabalho. Se a perversão do indivíduo se torna presente e latente na vida sexual fica mais restrito a análise propriamente dita, já que eles não aparecem com frequência para análise.

O termo *perversão*, que tem origem no latim *perversione*, designa o ato ou efeito de perverter-se, isto é, tornar-se perverso ou mal, corromper, depravar, desmoralizar. Pode designar ainda a alteração ou o transtorno de uma função. Na tradução da medicina, esse termo foi reservado para designar o desvio ou perturbação de uma função normal, sobretudo no terreno psíquico e, mais propriamente, no terreno da sexualidade. Desse modo, estamos a um passo de deixar o campo asséptico das estatísticas como crivo para a determinação da norma e ingressar no campo da moralidade para definir o que é “normal”, portanto, “certo” e “desejável”, e o que é “anormal” ou “perverso”, portanto, “errado” e “indesejável”. (FERRAZ, 2019 p. 25).

Como podemos ver, tanto a medicina quanto a psicanálise tentaram por muito tempo fazer a correlação sobre a perversão e sobre seus traços libidinais sexuais. Ela foi designada para desvios ou perturbação psíquica dessa função tida como normal, embasaram-se nas normalidades sociais e morais como comparativo. As perversões descritas por Ferraz, dentro desse contexto médico-psicanalista, são descritas como:

à normalidade implica a integração das fantasias primitivas e as atividades pré-genitais (sádicas, masoquistas, voyeuristas, exibicionistas, próprias da sexualidade infantil perverso-polimorfa) com as atividades genitais. A normalidade implica, ainda, a capacidade de excitação e orgasmo no ato sexual e a possibilidade de um relacionamento terno e amoroso, em que a gratificação emocional seja reassegurada pelo encontro sexual, da qual resulte uma conquista de liberdade psicológica”. (FERRAZ, 2019 p. 26).

Neste trecho Ferraz traz pela linguagem psicanalítica o que vai ser considerado um desvio psíquico no caso masoquismo, sadismo, voyeurismo, exibicionismo etc. Como descritos acima, assim fica mais fácil e identificável analisar a perversão manifestada em um indivíduo a partir de seu comportamento sexual que este as vezes tenta reter ou esconder socialmente. E ainda segundo o autor,

Em razão do peso que o termo perversão traz consigo, muitas vezes associados a uma forma de julgamento moral do que uma estrutura psíquica específica, muito já se discutiu sobre a conveniência de mantê-lo no vocabulário psicanalítico. O D.S.M (*Diagnostic and Statical Manual of Mental Disorders*, da Associação Psiquiátrica Americana) não fala em perversão, mas em parafilia, palavra que designa algo como o “gosto pelo acessório” ou por aquilo que não é o principal, o que vem a ser, na prática, o não genital. Uma mudança no vocabulário, portanto, nem sempre altera o essencial. A suposta vantagem ética de uma troca de palavras seria a eliminação do juízo de valor desfavorável contido na palavra *perversão* naquilo que a associa a ideia de *perversidade*” (FERRAZ, 2019 p.28).

Como o tema é controverso, vemos que

alguns analistas franceses, por exemplo, tendem a reservar o termo *perversão* para designar os tipos de prática em que se força alguém a manter uma relação contra sua própria vontade, como nos casos de abuso sexual, ou em que se escolhe um objeto incapaz de decidir por si mesmo, como no caso da pedofilia” (FERRAZ, 2019 p. 28).

Para Joyce McDougall (1992;1997) adota esse ponto de vista, tendo também proposto o nome de “soluções neossexuais” para o que se chama de perversão. Com isto, a autora visa a contornar a conotação depreciativa da palavra. Não creio que esse seja um critério totalmente eficaz, pois considero como tipicamente perversos certos atos ou rituais praticados com o consentimento formal do parceiro. É evidente que algumas condutas sexuais perversas podem encaminhar-se para uma forma psicopática de relação objetal.

Melitta Schmideberg (1956) contribuiu para o esclarecimento dessa intricada relação entre perversão e delinquência; para ela, a prática perversa não é obrigatoriamente delinquente, mas determinados atos

delinquentes, ou parte deles, podem ser vistos sob esse prisma, isto é, alastram-se em direção ao campo as práticas sexuais.

Kernberg (1995) não vê grandes ganhos práticos na substituição do termo *perversão* por um equivalente que seja supostamente mais palatável do ponto de vista ético. Afinal, esse termo já era usado por Freud e seu uso encontram-se consagrados na psicanálise. Quando examinamos a forma como a tradição psicanalítica passou a compreender o sentido da palavra *perversão*, vemos que é possível encará-la como designação de uma estrutura psíquica particular não necessariamente ligada à perversidade manifesta, mas também muitas vezes – por que não o dizer? – caracterizada por relação com objetos na qual estes são manipulados de modo a serem usados, na pior das acepções do termo.

É o próprio Kernberg (1995) que ressalta o fato de que *perversidade* não é o mesmo que *perversão*, muito embora, nos casos mais graves de perversão – em pacientes a quem ele atribui a presença de um “narcisismo maligno” – podem detectar evidências da perversidade tanto na transferência como nas demais relações objetais”.

Dando sequência ao tema, Ferraz desmembra um pouco o conceito de perversão e perversidade a partir de outros teóricos acadêmicos, que tentaram desmistificar a palavra perversão denotando sua conotação social negativa referente a ela.

A perversão como está ligada diretamente a traços libidinais sexuais ativos na infância fica permissível a cuidadosa análise do indivíduo perverso dentro do setting. Só a partir de suas narrativas podemos destrinchar seus traços perversos. A perversão é um desvio de conduta moral.

A perversão socialmente sempre foi uma palavra negativa referente a um indivíduo, por estar ligada a quebra de normas e conseqüentemente a atos muitas vezes descritos como aberrações ou agressivas, mas a perversão vai um pouco mais além, mais enraizado na psique humana e muitas vezes inconsciente. A pessoa reconhece alguma falha moral em seu comportamento angustiante, mas não tem consciência exata sobre essa falha.

Ferraz refere-se à formação da perversão como:

A formação de uma perversão resultaria de uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal. Na criança, ser perverso-polimorfo por excelência, as diversas correntes da sexualidade pré-genital coexistem sem um eixo ordenador que as aglutine e subordine em torno de si. Na sexualidade “normal”, essa operação seria feita, na puberdade, pela corrente genital da libido. Aí, então, todas as formas pré-genitais da sexualidade seriam dominadas pela corrente principal, e os atos delas decorrentes se tornariam acessórios ou preparatórios para o coito normal, isto é genital. Assim, o beijo, por exemplo, seria uma manifestação remanescente do erotismo oral”. (FERRAZ, 2019, p.32).

De acordo com esse parágrafo podemos ter uma ideia mais direcionada sobre a estruturação da perversão na criança, a fixação infantil é um estágio pré-genital dessa organização libidinal, ou seja, a fixação acontece na infância ficando recalcada até a adolescência onde se manifesta a sexualidade genital. A perversão é um desvio em relação ao ato sexual tido por “normal” socialmente, ele pode ser direcionado para a obtenção de orgasmo na penetração ou também pode ser direcionado na obtenção do orgasmo por outros objetos sexuais (tais como: homossexualismo, pedofilia, bestialidade, inversão etc.).

3 Casamento: Um fator repressor.

Uma das maiores repressões sociais na antiguidade é o casamento. O casamento é um contrato velado sobre uma conduta fantasiosa de como nos portarmos mediante ao outro e perante a sociedade. O casamento é um desejo de posse, controle e submissão do Outro, independentemente da posição, e nos tempos modernos é o que está impactando as relações atuais, a sociedade está mais aberta a transitar pela sexualidade do que já estivemos um dia no passado.

A permissão do gozo perverso era direcionada a grupos distintos e excluídos socialmente, sendo eles os loucos, os criminosos e os pervertidos. A modificação acerca da sexualidade no casamento teve alterações diversas ao longos dos anos. A união conjugal limita o indivíduo a um contrato velado de monogamia heterossexual e controlada. Um indivíduo casado, transparece socialmente segurança psíquica e equilíbrio emocional, e na verdade é ao contrário, um indivíduo preso em uma constituição só reprime o sentimento e emoções adversas na conduta social fazendo explanar contextos psicossomáticos.

A agressividade e a raiva têm forte relação com o conteúdo sexual perverso recalcado, dependendo de como o indivíduo internaliza o mundo na primeira infância, o sente e o vê. A criança aprende o manejo das relações e desloca para as perversões no ato sexual na fase adulta. A repressão na fase adulta irá emergir de forma sutil em manias ou apreciações fora dos padrões comuns. Os perversos, não assumem ou não falam sobre as parafilias, fetichismo ou sobre a perversão e sofrem inconscientemente pela moralidade que eclode com um desejo pulsante e reprimido.

A perversão afigura-se em conotação destrutiva como infração moral ou ilegal não sendo uma variedade única: os perversos sempre

foram os libertinos, amantes. E a sociedade nunca teve um olhar brando para eles e sim julgador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É uma pena que a perversão tenha esse olhar tão repulsivo da “massa”. Se pararmos para pensar, em vários momentos do dia, uma pessoa pode manifestar conduta perversa mesmo que esta não seja sua estrutura psíquica dominante.

Todos nós temos esses conteúdos repressivos e a culpa. É do ser humano. Mas então, por qual razão não podemos ter um olhar menos criterioso ao olharmos para uma situação nesse teor? Porque desta forma podemos lidar com nossa sombra. É no outro que nos vemos, nos enxergamos e nos criticamos e a sociedade tem esse interim negativo sem ter consciência do fato.

A ideia é elucidar, falar, discorrer e discutir, o que não podemos é ignorar.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual. Essa nossa (Des)conhecida.** 1984. Edição Integral.

FERRAZ, Flavio Carvalho. **Casa do Psicólogo** em PDF. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/flc3a1vio-c-ferraz-perversc3a3o.pdf>. Acesso em 05/12/2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** A vontade do saber. 9ª edição.